

ESCRAVIZAR OS ÍNDIOS OU LIBERTÁ-LOS? A HERMENÊUTICA BÍBLICA DA CONTROVÉRSIA DE VALLADOLID AOS DIAS ATUAIS

SLAVERING THE INDIANS OR LIBERATING THEM? THE BIBLICAL HERMENEUTICS FROM THE VALLADOLID CONTROVERSY TO THE CURRENT DAYS

*Valmor da Silva**

RESUMO

O artigo expõe a argumentação bíblica usada na controvérsia de Valladolid, na qual Juan Ginés de Sepúlveda defendia a submissão social e religiosa dos índios, enquanto Bartolomé de Las Casas contra-argumentava em favor da livre adesão dos indígenas à fé cristã; e, a partir dessa discussão, abordam-se algumas consequências para a hermenêutica bíblica atual. O objetivo é discutir a interpretação da Bíblia, com relação aos povos oprimidos, expor duas visões hermenêuticas opostas e emitir um juízo de valores sobre o assunto para a atualidade. O método utilizado é bibliográfico, com a consulta a fontes históricas, com recurso à exegese e hermenêutica de textos bíblicos e com releitura crítica atualizada, em vista de ações políticas e pastorais para com grupos humanos marginalizados. Como resultado, avalia-se negativamente o uso da Bíblia para propostas colonialistas, tanto de assistencialismo social quanto de imposições religiosas, em favor de uma hermenêutica bíblica de projetos libertários que valorizem categorias de pessoas injustiçadas. Conclui-se pela necessidade da correta interpretação bíblica, por meio da exegese e hermenêutica dos textos sagrados e na ótica de pobres, oprimidos e marginalizados. O critério hermenêutico de interpretação dos textos bíblicos deve acompanhar a defesa da vida, em qualquer circunstância histórica em que ela estiver ameaçada.

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1997) e pós-doutorado pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (2017). Atualmente é professor titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9309261304512694>. E-mail: lesil@terra.com.br.

Palavras-chave: Controvérsia de Valladolid; Las Casas; Sepúlveda; Indígenas.

ABSTRACT

The article exposes the biblical argument used in the controversy of Valladolid, in which Juan Ginés de Sepúlveda defended the social and religious submission of the Indians, while Bartolomé de Las Casas argued in favor of the free adhesion of the natives to the Christian faith; and from this discussion some consequences for current biblical hermeneutics are addressed. The purpose is to discuss the interpretation of the Bible, with regard to the oppressed peoples, to expose two opposing hermeneutical visions, and to pass judgment on the matter for the present. The method used is bibliographical, with reference to historical sources, using exegesis and hermeneutics of biblical texts and with updated critical rereading, in view of political and pastoral actions towards marginalized human groups. As a result, the use of the Bible for colonialist proposals, both social welfare and religious impositions, is judged negatively in favor of a biblical hermeneutics of libertarian projects that value categories of wronged people. It is concluded by the necessity of correct biblical interpretation, through the exegesis and hermeneutics of the sacred texts and in the view of the poor, oppressed and marginalized. The hermeneutic criterion of interpretation of the biblical texts must accompany the defense of life, in any historical circumstance in which it is threatened.

Keywords: Controversy of Valladolid; Las Casas; Sepúlveda; Indigenous people.

1 INTRODUÇÃO

A Bíblia esteve no centro de inúmeras discussões teológicas, como consequência de conflitos políticos, sociais e teológicos. Não propriamente o texto bíblico em si, mas a sua interpretação e sua aplicação em determinadas circunstâncias. Trata-se, portanto, do problema hermenêutico, que implica na visão das pessoas que interpretam.

Um momento histórico ilustrativo, para o conflito de interpretações da Bíblia é o da conquista da América, no início do século XVI. Politicamente, duas nações poderosas, Espanha e Portugal, concorrem para a conquista e colonização do Novo Mundo. O contexto ibérico é, de fato, de reconquista, no âmbito da expulsão de mouros e judeus.

Na América, povos indígenas indefesos se deparam com o maior aparato militar da época e se impressionam com homens brancos que expeliam fogo mortífero pela extremidade de seus braços. Dentre as diversas formas de violência, os índios sofrem a agressão cultural e a desintegração religiosa. Na guerra dos deuses, saem derrotadas as crenças indígenas.



Do ponto de vista religioso, o momento é de predomínio católico, quando os empreendimentos dos reis são apoiados pelo papado, unindo-se, assim, o poder religioso ao político. Mais precisamente, trata-se de um contexto de cristandade, onde colonização e evangelização se confundem.

Nesse contexto, duas instituições se impõem, em vista da catequese e evangelização dos índios. No âmbito da colonização espanhola é a *encomienda*¹ e, no da colonização portuguesa, o *padroado*².

Com relação à leitura da Bíblia, especificamente, a península ibérica vive um momento de conflitos e tensões, a partir da reforma luterana. O grande interesse pela Bíblia era abafado por leis que proibiam a sua leitura. As novas traduções eram contrapostas a queimas públicas do livro sagrado.

A conquista da América surpreendeu a todas as categorias de estudiosos, teólogos, filósofos, canonistas, juristas e outros. Chegava-se a discutir se os índios tinham alma ou não, conseqüentemente, se eram seres humanos ou animais. Argumentos pró e contra se difundiram nos vários âmbitos das ciências. A Bíblia não ficou imune a essa discussão.

Exemplar foi a chamada Controvérsia de Valladolid, ocorrida nessa cidade espanhola, onde se defrontaram estudiosos de diversas áreas, para discutir sobre a atitude a ser tomada com relação aos índios do Novo Mundo. A reunião foi convocada pelo Imperador Carlos V, em 1550 e teve como protagonistas Bartolomé de las Casas e Juan Ginés de Sepúlveda. Na polêmica se confrontaram duas posições opostas e irreduzíveis, caracterizando duas maneiras de interpretar a Bíblia, típicas da mentalidade daquela época e, de alguma maneira, com reflexos sobre a hermenêutica atual³.

¹ *Encomienda* era uma *merced* concedida pelos reis aos conquistadores, segundo a qual estes assumiam a integração social e a educação cristã dos índios, e recebiam, em troca, terras e privilégios (HOORNAERT, 1970, p. 853; ALVES FILHO, 2004, p. 146).

² O padroado era o direito que os papas concediam aos reis para estruturar, manter e organizar a igreja nas terras por eles conquistadas. Os governantes passavam a exercer, com isso, poder administrativo sobre assuntos da igreja, para nomear bispos, destituir missionários, manter edifícios de culto, financiar gastos com o clero etc (MAZULA, 2000, p. 15-6).

³ Retomo, com ligeiras modificações, parte de um artigo publicado anteriormente, sobre a história da leitura da Bíblia na América Latina (SILVA, 1994, p. 31-4).



2 SEPÚLVEDA E A ESCRAVIDÃO DOS ÍNDIOS

Juan Ginés de Sepúlveda (1490-1573), cronista e confessor de Carlos V e preceptor de Filipe II, foi homem de palácio, ligado à teoria e não à prática. Sua argumentação exegética beira o fundamentalismo, além de submeter a Bíblia a outras fontes, como a filosofia aristotélica, o messianismo ibérico e o capitalismo nascente (STAM, 1992, p. 272).

A argumentação de Sepúlveda reflete uma linha de pensamento corrente na época, segundo a qual os indígenas eram escravos naturais, o que dava à coroa de Castela o direito de ocupar os seus territórios e reduzi-los à escravidão. Entre os intelectuais que davam sustentação a tais argumentos estavam Melchior Cano e Domingos de Soto (ALVES FILHO, 2004, p. 145).

Na argumentação bíblica, por exemplo, na sua obra *Demócrates Alter*, Sepúlveda conecta o provérbio bíblico “o estulto torna-se escravo do sábio de coração” (Pr 11,29) com a argumentação aristotélica, segundo a qual “há alguns que por natureza são senhores e outros que por natureza são escravos” e conclui que a escravidão deve ser interpretada como lei divina (RODRÍGUEZ GUTIÉRREZ, 1991, p. 13).

A partir da frase *compelle eos intrare* (obriga-os a entrarem) do contexto da parábola do bom samaritano (Lc 14,23), argumenta em favor da submissão prévia dos “bárbaros índios”, antes de pregar-lhes o Evangelho. Segue-se uma síntese da base bíblica para a dominação dos índios, utilizada por Sepúlveda, de acordo com a exposição de Stam (1992, p. 267-72).

2.1. A principal fundamentação bíblica, apresentada por Sepúlveda, para a conquista da América é a tomada de Canaã pelos israelitas. Assim como Deus manda Israel destruir os templos e ídolos dos pagãos (Dt 9,2), assim também é justificada a submissão dos povos indígenas. O *requerimiento*⁴ é justificado

⁴ *Requerimiento* era um documento lido diante dos índios, por ocasião da chegada dos conquistadores, escrito em espanhol, assinado pelo bispo, com a seguinte argumentação bíblico-teológica: 1) a humanidade toda, criada por Deus, descende de Adão e Eva; 2) dentre a humanidade, um foi escolhido como senhor, para governar a terra a partir de Roma; 3) um desses papas presenteou estas ilhas e continentes aos reis católicos de Castela; 4) por isso pedimos que os índios aceitem a igreja como mestra e senhora, o papa como sumo sacerdote e o rei e rainha de Espanha como



pela atitude de Josué que mandou seus homens conquistar Jericó. A lei do botim (*hérem*) como em Dt 20,13-14 justifica a guerra contra os índios.

2.2. O segundo argumento de Sepúlveda é a destruição dos iníquos pelo dilúvio (Gn 6-8). As práticas indígenas são comparadas com os pecados dos povos da época de Noé, que aborreceram a Deus por sua corrupção.

2.3. Sepúlveda toma também como paradigma da conquista a ação guerreira de Abraão (Gn 14), o qual empreende guerra contra os quatro reis para reparar a ofensa feita a Ló e a seus amigos. Se o castigo pelas ofensas contra Ló foi justo, quanto mais será pelas ofensas cometidas contra Deus!

2.4. Finalmente, o fogo e o enxofre que caíram do céu sobre Sodoma e Gomorra (Gn 18) para destruí-las por seus pecados, servem como exemplo do que é lícito fazer contra os índios.

2.5. Para surpresa, até da parábola do Bom Samaritano (Lc 10,29-37), Sepúlveda deduz a obrigação dos espanhóis em conquistar a América. Trata-se de uma obrigação de amor fraterno para libertar um bárbaro exposto à morte.

2.6. Com argumentos filosóficos aristotélicos, Sepúlveda trata os índios sempre como escravos por natureza, negando sua humanidade. Essa ideia, porém, não fica sem argumentação bíblica. O argumento de silêncio prova que a Bíblia nunca nomeia os índios, enquanto os espanhóis sim, são citados (Rm 15,24.28).

Sepúlveda, naturalmente, não é voz isolada, mas expressa uma linha de pensamento corrente em sua época. Outras vozes declaravam que índio era bárbaro e, portanto, não podia ser evangelizado por meios pacíficos. Não faltava quem afirmasse que índios eram crianças (*parvuli*) ou espiritualmente menores, e como tais deviam ser tratados. Na lógica da cristandade, era ideia comum que o Papa e o rei tinham

senhores destas ilhas e continentes; 5) se o aceitam está bem; se não aceitem, seremos obrigados a fazer guerra e a reduzi-los à escravidão (HOORNAERT, 1970, p. 852-3).



obrigação de submeter os índios para que se tornassem cristãos (HOORNAERT, 1970, p. 859-60).

3. LAS CASAS E A LIBERTAÇÃO DOS ÍNDIOS

Bartolomé de las Casas (1484-1566), leigo, filho de um *encomendero* em Cuba, renunciou a essa sua posição e se fez frade dominicano. Cruzou o oceano sete vezes, movido sobretudo pela luta em defesa dos índios. Foi um homem prático, e aplicou a Bíblia a situações concretas da realidade pastoral (HOORNAERT, 1970, p. 855). Sua atuação envolve diversos aspectos, na sociedade e na igreja, tais como reformador social, incentivador de novas leis, defensor jurídico e teológico dos índios, consultor e escritor apocalíptico (PAGALDAY, 1988, p. 44-6).

Ele não é um exegeta nem um teórico da hermenêutica bíblica, mas sim um pensador político. Suas aplicações da escritura por vezes são duvidosas e discutíveis, porém aplicadas a situações concretas do seu tempo. Faz em geral uma “exegese espiritual”, nos moldes dos escolásticos, com argumentos dos Padres, principalmente Agostinho e Tomás. Através de um texto bíblico passou de *encomendero* a defensor dos “índios oprimidos”, “os Cristos açoitados”. O texto do Eclesiástico (Eclo 34,18-22) permanece como uma referência argumentativa em toda a sua vida: “Escasso alimento é o sustento do pobre, quem dele o priva é um homem sanguinário. Mata o próximo o que lhe tira o sustento, derrama sangue o que priva do salário o diarista” (v. 21-22) (RODRÍGUEZ GUTIÉRREZ, 1991, p. 15).

Las Casas teve, como mentor teórico, Francisco de Vitoria, teólogo tomista, defensor da liberdade dos índios e de sua capacidade de acesso às letras, em condições de igualdade com os demais povos. Outro grande influente sobre Las Casas foi o pregador dominicano Padre Antonio de Montesinos, grande defensor dos índios contra os maus tratos dos colonizadores (ALVES FILHO, 2004, p. 161).

No confronto de Las Casas contra Sepúlveda, em favor da libertação dos índios, transparece seu método de interpretação bíblica, apologético e apoiado nos Santos Padres. A base da sua argumentação bíblica pode ser resumida nos seguintes pontos (FRADES GASPAR, 1992, p. 103-4):



- 1) O sentido literal é aquele sobre o qual se fundamentam todos os demais sentidos (espirituais) da Bíblia.
- 2) Esse sentido literal não pode conter nada falso (inerrância integral?).
- 3) Esse sentido literal é o que quis dizer o Espírito Santo, Autor primeiro da Sagrada Escritura.
- 4) Não é o sentido que cada qual possa tirar (contra o individualismo subjetivista).

A Palavra de Deus ganha força para Las Casas, porque sua leitura está a serviço do índio oprimido. Sua visão sobre a salvação dos índios é otimista, o que vai contra a ideia “oficial” da época. Por outro lado, denuncia profeticamente os “cristãos” opressores, usando o tema bíblico dos cegos e surdos, acusando de idólatras os conquistadores e *encomenderos*, por sua *auri sacra fames* (fome sagrada de ouro) (FRADES GASPAS, 1992, p. 120-1).

Em seu escrito *De Unico Vocationis Modo*, Las Casas explica que o único modo de ensinar a verdadeira religião é a persuasão das inteligências e a exortação suave das vontades, portanto de maneira positiva e sem recorrer à violência (HOORNAERT, 1970, p. 855-6).

Fazendo coro com Bartolomé de Las Casas, outras vozes proféticas se ergueram, no início da colonização.

O dominicano Padre Antonio de Montesinos foi pioneiro no protesto contra a exploração dos índios quando, em 1511, em Cuba, proferiu veemente condenação da exploração dos índios, em nome da sua comunidade religiosa (MAZULA, 2000, p. 17).

Os “doze apóstolos” de Nova Espanha foram os missionários franciscanos que chegaram ao México, em 1524. Vinham imbuídos pela “reforma” franciscana, influenciados pelo “profetismo” de Joaquim de Fiore e pelo “humanismo” de Erasmo de Rotterdam. Do franciscanismo herdaram o seguimento de Jesus, de Joaquim o espírito crítico ante a situação e de Erasmo o amor pelas Escrituras (SEIBOLD, 1992, p. 246-7).

Frei Juan de Zumárraga, um dos “doze apóstolos”, primeiro bispo da Diocese do México (1528), sonhava em fazer chegar a Palavra de Deus até as pessoas mais simples. Sua proposta era: “Escutar em grupo a Palavra de Deus, confiá-la à memória,



e observar 'quanto nos é pertinente'. Já vão se perfilando nossos círculos bíblicos modernos e nossas revisões de vida" (MORIN, 1988, p. 73).

Frei Bernardino de Sahagún desenvolveu abundante produção literária em náhuatl, inclusive apontamentos sobre as epístolas e evangelhos dominicais. Preparou uma edição bilíngue em castelhano e náhuatl, em 1554, dos diálogos entre os "doze apóstolos" franciscanos e alguns sábios sacerdotes astecas, com o título "Colóquios e doutrina cristã". Neles se nota a centralidade da Palavra de Deus em sua evangelização e catequese. Diziam que a Sagrada Escritura estava guardada pelo Papa e que eles eram enviados para ensiná-la. Apesar disso, não entregaram a Bíblia mesma para os índios (MORIN, 1988, p. 73-5).

Frei Toribio de Benavente, outro dos "doze apóstolos", foi batizado pelos nativos de Tlaxcala, Motolinía, nome que significa "pobre" e que ele adotou como próprio. Lia a cada noite dois ou três capítulos da Bíblia, para retê-los de memória e aplicá-los quando escrevia (MORIN, 1988, p. 75).

Não faltaram esforços para traduzir a Bíblia para as línguas nativas, a fim de colocá-la efetivamente na mão dos índios. Diversos missionários e mesmo indígenas empreenderam esforços no sentido de tornar os textos sagrados acessíveis aos vários povos. Esse mesmo esforço, por vezes, foi rebatido com suspeitas e proibições (SEIBOLD, 1992, p. 261-6).

Outro recurso amplamente utilizado pelos missionários, na catequese com os indígenas, mais especificamente no Brasil, foi o teatro, como forma de representação das cenas bíblicas. Além de impressionar vivamente os indígenas, esses autos foram o prelúdio do teatro brasileiro.

4 CONCLUSÕES PARA A HERMENÊUTICA ATUAL

Muitos problemas relativos à colonização e evangelização do Brasil permanecem até os dias atuais. O colonialismo manifesta relações de dependência de modelos estrangeiros. O latifúndio é herança que se agrava com o passar do tempo. A relação entre casa grande e senzala aprofunda a chaga do trabalho escravo. A corrupção



corrói o tecido social e arruína a estrutura política. A injustiça se aprofunda escancarando o fosso das desigualdades. A ignorância mantém multidões sem acesso às letras e à cultura. As categorias marginalizadas continuam lutando por seus direitos, sob o olhar irônico das classes opressoras.

Predomina o olhar dos conquistadores. Nessa ótica, os índios continuam infantilizados ou selvagens; os negros se mantêm na escravidão e mulheres ainda estão reclusas na domesticação do lar.

A religião continua a legitimar muitas situações de opressão. Ações missionárias assistencialistas e impositivas desrespeitam os direitos indígenas, assim como de outras categorias marginalizadas. Deus é espiritualizado segundo o modelo cultural predominante.

Faz falta a visão das vítimas, na ótica dos oprimidos, em vozes proféticas como a de Bartolomé de las Casas. Faz falta a relação de misericórdia para com as vítimas caídas ao longo do caminho. Faz falta a hermenêutica bíblica que resgate a dignidade das pessoas marginalizadas.

De acordo com a visão da realidade, pode-se ter também uma dupla ótica de leitura da Bíblia, ou “A Bíblia dos conquistadores e dos vencidos” (REYNÉS, 1992, p. 20). Assim sendo, os diversos textos da Escritura podem ser lidos em perspectiva libertária, como faz o autor citado, com relação às várias etapas da história da salvação: origens, êxodo, conquista da terra, profetas, destruição e ocaso.

A Bíblia deve estar a serviço da vida, em defesa das vítimas ameaçadas, em quaisquer circunstâncias. Sua leitura e interpretação devem ser guiadas pela opção preferencial pelas categorias pobres e indefesas. A visão de quem interpreta pode contradizer a própria Palavra de Deus, se não for orientada pelos critérios hermenêuticos de promoção da vida em todas as suas formas.



REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, Paulo Edson. A colonização espanhola: a sociedade indígena e os modelos propostos pelos teólogos espanhóis do século XVI. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 30, n. 2, p. 141-68, 2004.
- FRADES GASPAR, Eduardo. El uso de la Biblia en Fray Bartolomé de las Casas. **ITER**, Caracas, v. 3, n. 2, p. 95-135, 1992.
- HOORNAERT, Eduardo. Las Casas ou Sepúlveda? O Futuro da Igreja no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 30, n. 120, p. 850-870, 1970.
- MAZULA, Ronaldo. A conquista e a evangelização da América e do Brasil: breves reflexões para a celebração dos 500 anos da descoberta do Brasil. **Revista UNICLAR**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 10-26, 2000.
- MORIN, Alfredo. La Biblia en la Evangelización de Hispanoamérica (hoy se cumple el sueño de Fray Juan...). **Medellín**, Medellín, n. 53, p. 73-80, 1988.
- PAGALDAY, José Ramón I. Bartolomeu de las Casas e o seu conceito de evangelização. In: VÁRIOS. **História da Evangelização na América Latina**. São Paulo: Paulinas; Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 1988. p. 42-54. (Série: Teologia em Diálogo).
- REYNÉS, Jaime. A Bíblia dos conquistadores e dos vencidos. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, Petrópolis, v. 12, p. 20-35, 1992.
- RODRÍGUEZ GUTIÉRREZ, Jorge Luis. A Bíblia e os conquistadores: aspectos do uso ideológico da Bíblia no século XVI, por ocasião da invasão da América. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis, n. 31, p. 9-17, 1991.
- SEIBOLD, Jorge Roberto. La Sagrada Escritura en la primera evangelización del Nuevo Mundo. Pueblo de Dios y Palabra de Dios: La actualización de la Sagrada Escritura en la Evangelización de América Latina (Cuarta parte). **Stromata**, San Miguel, v. 48, n. 3/4, p. 243-86, 1992.
- SILVA, Valmor da. Historia de la lectura de la Biblia en América Latina. **La Palabra Hoy**, Bogotá, v. 19, n. 71/72, p. 26-59, 1994.
- STAM B. Juan. Exégesis bíblica en la teología de los conquistadores. **Boletín Teológico**, Florida, v. 24, n. 47/18, p. 267-72, 1992.

